ISBN: 978-65-00-18310-8
CBL
9 786500 183108

Gráfica Rápida - Tel: 21 96423-2205
e-mail: speedgrafic10@gmail.com

Literatura de Cordel

VOZ DE PRISÃO

Autor: Erick Bernardes
Fevereiro/2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bernardes, Erick
Voz de prisão: Graciliano Ramos e as memórias do cárcere / Erick Bernardes. -- São Gonçalo, RJ: Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-18310-8

1. Literatura de cordel 2. Poesia popular brasileira 3. Ramos, Graciliano, 1892-1953 I. Título.

21-58850 CDD-398.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia de cordel: Folclore 398.2
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

FICHA TÉCNICA:

ISBN nº 978-65-00-18310-8

Título: VOZ DE PRISÃO

Tema: Memórias do cárcere

Autor: Erick Bernardes

Revisão: Zé Salvador e Cleia Nascimento

Capa: Erick Bernardes e Oswaldo Eurico Rodrigues

Local e data: São Gonçalo - RJ

Estilo de estrofes: sextilhas

Esquema de rimas: xaxaxa

Estrofes: 31. (Em redondilha maior ou Heptassílabo) + uma estrofe em décima acróstico com o nome do autor.

Obs.: O (x) indica os versos que não rimam;

a letra (a) indica os versos que rimam entre si.

Edição: Erick Bernardes.

Impressão: SpeedGrafic

Dados sobre o autor

Professor de Literatura e Redação do Colégio Adventista, Acadêmico Pesquisador na ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), Erick Bernardes é escritor, crítico literário e autor dos livros *Panapaná*, *Cambada* e *Cambada II*. Mestre em Estudos Literár ios (FFP-Uerj), atualmente ele é doutorando em Literatura Comparada (UFF) e pesquisador da obra de Graciliano Ramos . Atua também como colunista no Jornal Daki, na Revista Entre Poetas e Poesias e no Suplemento Literário Araçá.

Contato do autor Erick Bernardes:
Cel e whatsApp (021) 98571 -9114 – Oi
E-mail: ergalharti@hotmail.com
Site do autor: https://escritorerick.weebly.com
Parceiro: https://cordelando.weebly.com/

Assim chega nosso Ramos
ao seu livro derradeiro,
finalizar não consegue,
pois ele morreu primeiro,
chegou bem antes do tempo,
a tal foice do ceifeiro.

Ao filho coube findar
as *Memórias* da prisão
— e biografa o Ramos pai,
escritor bastante são.
Ricardo sentiu a falta
do seu grande galardão.

Esta explicação final
carecia dum desfecho,
Ricardo Ramos pôs fim,
também discursando um trecho
o que bem dissera Graça,
entre um e outro bochecho.

Então ficou tudo escrito,
Bem mais forte que a dor,
Este santo sem andor,
Refiz quando aqui eu cito;
Não pus nele nem meu grito.
A roupa botei no tacho,
Rolando até o riacho,
Dei um grau, pus no varal,
Enxuguei, mas no quintal,
Só com o texto é que despacho.

14-02-2021 S.G. Rocha, RJ

VOZ DE PRISÃO

Série: Graciliano Ramos e as *Memórias do cárcere*

Um mergulho nesse mar,
após uma década inteira,
do meu bom Graciliano,
se eu fosse a bordadeira,
de um plano temporal,
faria dele uma esteira.

Num país como o Brasil,
de corrupto entranhado,
o pensador tem destreza,
escreve fato passado,
põe a letra de caneta,
daí tão angustiado.

Vem a calhar meu intuito,
feito os fios do tear,
com os versos lanço um Ramos
semelhante àquele mar,
que impôs uma obrigação
para o artista atravessar.

No meio desse caminho,
bem longe do domicílio,
eu tirei a sorte grande
sim, no céu teve concílio,
conheci Zé Salvador,
quando assim, surgiu auxílio.

Difícil me foi a métrica,
já que, do meu Velho Graça,
há muito tempo acompanho,
literatura, a cachaça,
tá no sangue, não me engano,
mas o metro, só na raça!

Já diria o alagoano,
a liberdade em oferta
peão nenhum cá desfruta,
a nossa gramática alerta,
prende qual nó a sintaxe,
uma lei que só aperta.

Deu-se o dia derradeiro,
lá o tenente buscou,
no lar do Graciliano,
detenção anunciou:
—Vem, vem comigo, escritor!
—Se é para ir, eu vou.

Dessa forma lhe ocorreu,
engano pouco é bobagem,
o artista que foi cantando,
"laborando" traquinagem,
vislumbrou ficar sozinho,
mas se viu na bandidagem.

Fastio ou decepção,
meteu-se na ratoeira,
a suspeita, quase certa,
disse certa rezadeira,
que podia tomar banho
com o chá de pau-pereira.

Mau-olhado não pensou,
sendo incréu, ateu confesso,
mas na hora do pesar,
a fé em Deus foi sucesso.
Pediu ao Pai direção:
— paciência em excesso!

Daí tu tens a certeza
que nos papéis tinham armas
pra na prisão manejarem...
Tu não fraquejas, alarmas,
os inimigos são montes,
sem amizade, teus carmas.

Narrador biografado
de si mesmo, um analista,
sem apontamentos seus,
jamais sobrou nessa lista,
sobre personagens presos,
pôs sua vida em revista.

Passaram os dias, então,
o autor manteve seu prumo,
meses após a ameaça,
do militar ficar fumo,
a reviravolta foi
muito traumática, em resumo.

Transferência que seria,
na sequência, a viagem,
uma dentre várias outras,
junto com a vagabundagem,
e o verbo em movimento,
nasce assim a verbiagem.

É desses pequenos grãos
de memória que o homem
constrói mundo interior.
"Inda" que a vida lhe tomem,
os desarranjos internos
são traumas que o consomem.

Já no dia da prisão
sugiram prerrogativas,
a cabeça em retrospecto,
ouvindo as patativas,
rodaram muito em silêncio,
rumo às outras comitivas.

Do que o diabo amassou,
mais que básico ele engoliu,
troque a metáfora do pão,
por vocábulo que o pariu,
verás a força de tudo
bem mais que o autor sentiu.

Primeiro foi ao Recife,
aonde fez a transferência,
caso pensasse escrever,
coitado, santa inocência,
migrando das Alagoas,
mas sem muita consciência.

Os tempos da ditadura,
com a força militar,
nada de cochicho contra,
nem mal se pôde falar,
mesmo assim "inda" o fizeram
nove meses definhar.

No escrever, um receio:
nomear as criaturas
vivas e no seu papel,
que lembram das cenas duras,
mas a Ramos importou
o narrar sem ataduras.

Cunhou de tupinambá
nosso pequeno fascismo.
Teve sim limitações,
porém, sem falacionismo,
com sinceridade mesmo,
"inda" assim teve lirismo.

O pensamento fugiu
da folha "mei" rabiscada,
o Graça voltou no tempo,
tendo a mente preparada,
porém, nunquinha pensou,
tanta tortura passada.

Com um livro de memória,
vem mostrar a obra séria,
recompor figuras ricas,
mas de alma só miséria.
Um desses foi o Tenente,
em que o mal se fez matéria.

Tinha lá uma sobrinha,
o diabo desse polícia
do A BÊ CÊ nada sabia,
tinha no estudo imperícia.
Foi por causa dessa peste
que Ramos fez-se notícia.

No caso, o Graciliano
na educação, Diretor
de Instrução Pública ele foi,
qual secretário gestor,
faria honrada carreira,
não fossem meses de horror.

A ação se pôs perigosa,
novo informe veio à tona:
— Sua sobrinha não passou,
na oitava, nem pra nona,
melhor repetir a série,
que criança mais turrona!

Impossível entender
a maldade do polícia,
a aluna não estudou,
logo, mostrou imperícia.
Seria pôr na sobrinha...
condenação vitalícia.

Assim o caso se deu,
o demônio reprovado.
Esta atitude então pôs
o tenente revoltado.
— Vai se arrepender, viu,
seu Diretor desgraçado!